

O PROCESSO DE NASALIZAÇÃO DAS
VOGAIS EM PORTUGUÊS SOB O ENFOQUE DA
FONOLOGIA GERATIVA

Yara Duarte e
Raquel Teixeira

Embora a nasalização seja um dos traços mais característicos da língua portuguesa, pouco são os trabalhos gerativos (Cf. Chomsky & Halle, 1968) que dela tratam.

Ao se tentar explicar o processo de nasalização, o primeiro problema que se coloca é a necessidade de se optar pela existência das vogais na representação subjacente (ou de base) ou aceitar que a nasalização dessas vogais se deva à aplicação de regras fonológicas. A existência de vogais nasais com valor distintivo próprio tem sido assunto de muita discussão. Existem duas correntes que, numa perspectiva estrutural, entendem as vogais nasais:

- a) como fonemas distintos das vogais não nasais e que se opõem a elas pela nasalidade;
- b) como vogais não distintas das orais correspondentes, portanto, alófonos das vogais orais.

A tentativa de explicação que apresentamos no momento toma como base uma regra de nasalização apresentada por Brasington (1971) e, como embasamento teórico, a citação de Maria Helena M. Mateus (1975:44): "As vogais nasais nunca se encontram nas representações fonológicas, sendo, em todos os casos, resultantes da presença de uma consoante nasal a seguir a uma vogal." Aceitando, portanto, que determinadas vogais apresentam, indiscutivelmente, um traço nasal em nível de superfície, mas não em nível subjacente, procuraremos explicar a presença desse traço de superfície.

A regra de nasalização proposta por Brasington seria a seguinte:

$$V \longrightarrow \bar{V} / \text{---} [\text{nasal}]$$

Sua formulação com traços distintivos seria:

Regra de nasalização

$$R-1 \left[\begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ - \text{ consonantal} \end{array} \right] \longrightarrow + \text{ nasal} / - \left[\begin{array}{l} - \text{ silábico} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right]$$

Es a é uma regra fonológica que, como toda regra fonológica, pode suprimir, adicionar ou substituir traços fonológicos.

Dividiremos as palavras que possuem vogais nasais em dois grupos. No grupo I ficarão todas as palavras que, após a aplicação das regras fonológicas, mantêm a consoante nasal em suas formas subjacentes, perdem-na tão logo as vogais são nasalizadas. Cada grupo, por sua vez, apresentará subdivisões de acordo com o tipo de regra fonológica que atua em suas formas de base ou de acordo com o grau de nasalização.

Vejam os primeiro grupo:

	Representação Superficial	Forma Fonética
I-a-	"santo"	sã ⁿ tu
	"banco"	ˈbã ⁿ ku
	"fundo"	ˈfũ ⁿ du
	"grande"	ˈgrã ⁿ di
	"importado"	ĩ ⁿ portadu
	"completo"	kõ ⁿ pletu
	"tempo"	ˈtẽ ⁿ pu
	"samba"	ˈsã ⁿ ba
		Representação Superficial
I-b-	"honra"	ˈõra
	"pensa"	pẽˈsa
	"tenso"	ˈtẽsu
	"genro"	gẽru
	"cansaço"	kãˈsasũ
	"dança"	ˈdãsa

	Representação Superficial	Forma Fonética	
I-c-	"cana"	ˈkãna	ˈkama
	"runa"	ˈrũna	ˈruna
	"tama"	ˈtãmi	ˈtami
	"imóvel"	iˈmoviũ	iˈmoviũ
	"caminha"	ˈkamiãa	ˈkamiãa
	"banana"	bãããã	baˈnãna
	"caneta"	kãˈneta	kaˈneta
	"soneca"	sõnka	soneka
	"cena"	ˈsẽna	ˈsena
	"cano"	ˈkãnu	ˈkanu

A derivação de uma palavra de sua forma de base à forma de superfície implica a aplicação de determinadas regras. Algumas, como a de acentuação, serão simplesmente utilizadas sem maiores justificativas, por não serem assunto deste trabalho. As regras que dizem respeito à nasalização, no entanto, serão apresentadas à medida que sejam necessárias à derivação de uma palavra. Uma regra de que precisaremos para as palavras do grupo I-a é a seguinte:

Regra de elevação das vogais nasalizadas:

$$R-2 \quad \left[\begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ - \text{ alto} \\ + \text{ nasal} \end{array} \right] \longrightarrow \left[- \text{ baixo} \right]$$

Vejamos a derivação da palavra "canto":

	kaNt+o	forma subjacente
D-1	ˈkaNt+o	regra de acentuação
	ˈkãNt+o	regra R-1
	ˈkãNt+o	regra R-2
	[ˈkãNt+o]	forma fonética

Como vimos na derivação de D-1, a vogal nasal não existia na forma subjacente e surgiu devido à presença da consoante nasal, ou seja, pela aplicação da R-1. A não-supressão da consoante nasal após a nasalização da vogal que a antecede é um ponto bastante controvertido. Matus (1975), Brasington (1971) e outros postulam a queda dessa consoante nas palavras do grupo I-A. Essa supressão, todavia, vai de encontro aos resultados conseguidos por Barbosa (1965) que fez um estudo sistemático das consoantes nasais do português com o uso do quimógrafo e do espectógrafo e notou a presença de uma consoante nasal nítida e audível. Quanto ao /N/, diz ele:

Não há diferença lingüística entre as vogais "nasais" e as vogais "nasalizadas" e a ressonância nasal que acompanha o a de campo bem como o de cana não é mais que um traço não-distintivo da realização do /N/ de /ˈkaNpu/ e do /m/ de /ˈkama/ (Barbosa, 1965:95).¹

Até que outros estudos venham mostrar evidências em contrário, preferimos concordar com os resultados obtidos por Barbosa (1965): o ponto de articulação dessas consoantes depende do ponto de articulação da oclusiva; antes de labiais (p, b) tem-se uma nasal labial [m], antes de dental (t, d) tem-se uma dental [n], antes de velar (k, g) tem-se uma velar [ŋ].

As consoantes nasais em português encaixam-se, portanto, numa regra universal que estabelece a natureza homorgânica das consoantes nasais quando seguidas de oclusivas. Na derivação D-1 indicamos, por isso, essa consoante nasal por uma arquibondade /N/.

Voltando ao grupo de palavras que estava sendo analisado, vemos, por uma simples observação de sua transcrição fonética, que há uma diferença entre os grupos I-a e I-b, de um lado, e o grupo I-c, de outro. Consideramos os três grupos em conjunto por apresentarem a consoante nasal na forma de superfície. En-

¹ - Traduzido

tretanto, embora não haja dúvida quanto à nasalidade da vogal nos grupos I-a e I-b, o mesmo não acontece no grupo I-c. A pronúncia das palavras desse grupo pode apresentar diferenças dialetais. O grau de nasalização do grupo I-c talvez não seja tão forte quanto o dos grupos I-a e I-b. Poderíamos formular uma regra de nasalização mais específica, acentuando que a nasalização aconteceria quando a nasal estivesse em posição implosiva:

$$R-3 \left[\begin{array}{c} +\text{silábico} \\ \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} +\text{nasal} \\ \end{array} \right] / \left[\begin{array}{c} -\text{silábico} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} -\text{silábico} \\ \end{array} \right]$$

Tal acréscimo à regra, porém, tiraria muito do seu caráter geral e impediria que ela se aplicasse às palavras do grupo I-c. Portanto, mantemos a R-1.

Passemos, agora, ao exame do segundo grupo de palavras:

Rep. Subjacente	Rep. Superficial	Forma Fonética	Derivados
II-a- #mano#	"mão"	mãw	manipular
#verano#	"verão"	ve'ráw	veranear
#pane#	"pão"	pãw	panificadora
#mansione#	"mansão"	mãsw	
#ratione#	"razão"	ra'zãw	racional
#vano#	"vão"	vãw	vanidade
#pagano#	"pagão"	pa'gãw	paganismo
#sano#	"são"	sãw	sanidade
#kristiano#	"cristão"	kris'tãw	cristianismo
#grano#	"grão"	grãw	granulado
#kane#	"cão"	kãw	canino
#leone#	"leão"	leãw	leonino

As relações fonológicas e semânticas entre a primeira e a quarta colunas nos permitem uma consoante nasal nas formas subjacentes. Na hipótese que estamos apresentando, admitimos

a existência das vogais nasais de superfície, derivadas de vogais não nasais que estão seguidas, em representação subjacente, de consoante nasal. Para se comprovar a aplicabilidade da regra de nasalização R-1, é necessário fazer a derivação de uma palavra do grupo, para o que precisaremos de duas regras ainda não apresentadas:

Regra de supressão da consoante nasal:

$$R-4 \left[\begin{array}{c} -\text{silábico} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \left[\begin{array}{c} +\text{silábico} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} +\text{contínuo} \\ \end{array} \right]$$

Regra de alteração do traço silábico:

$$R-5 \left[\begin{array}{c} +\text{silábico} \\ -\text{baixo} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} -\text{consonantal} \\ +\text{baixo} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{c} +\text{silábico} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \# \\ \end{array} \right]$$

D-2	[irmaN+o]	forma subjacente
	ir'maN+o	regra de acentuação
	ir'mãN+o	R-1
	ir'mã+o	R-4
	ir'mã+o	R-2
	ir'mãw	R-5
	[ir'mãw]	forma fonética

Notamos que, além da regra central de nasalização, atuam também, como partes do componente fonológico, regras que Mateus chamou de "subsidiárias": regra de elevação, de ditongação, de crase, etc.

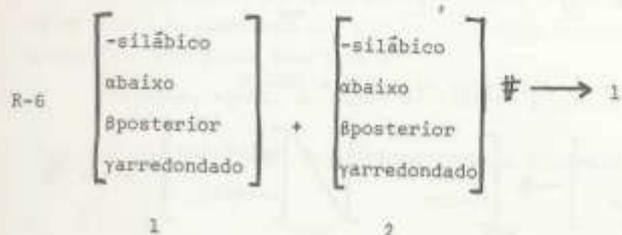
Um outro conjunto de palavras do grupo II está sujeito, no seu processo de nasalização, a um outro tipo de regra subsidiária, a da crase. Da mesma forma que para o grupo II-a, evidência sincrônica nos permite postular uma forma subjacente que possui a consoante nasal:

Rep. Subjacente	Rep. Superficial	Forma Fonética	Derivados
II-b # lana #	"lã"	ˈlã	lanífero
# irmã #	"irmã"	irˈmã	irmanar
# dono #	"dom"	ˈdõw	donativo
# bono #	"bom"	ˈbõw	boníssimo
# uno #	"um"	ˈũ	unidade
# sono #	"som"	ˈsõw	sonoro

Rep. subjacente	Rep. superficial	Forma Fonética
II-c- # tene #	"tem"	[ˈtēy]
# vene #	"vem"	[ˈvēy]
# omine #	"homem"	[ˈomēy]
# zovene #	"jovem"	[ˈjovēy]
# sine #	"sem"	[ˈsēy]
# dono #	"dom"	[ˈdõw]
# bono #	"bom"	[ˈbõw]
# sono #	"som"	[ˈsõw]

Podemos formular a regra da crase da seguinte maneira:

Regra da crase:



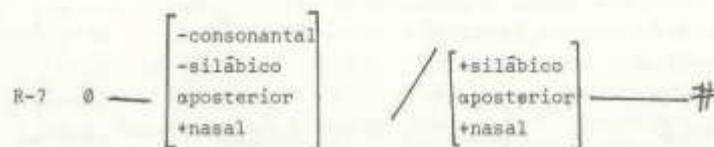
Fazendo a derivação de uma forma temos:

D-3	[laN+a]	forma subjacente
	ˈlaN+a	regra de acentuação
	ˈlãN+a	R-1
	ˈlã+a	R-4
	ˈlã+a	R-2
	ˈlã	R-6
	[ˈlã]	forma fonética

Vemos, pelo exemplo, que as vogais nasais quando estão colocadas antes de outra vogal, ficam sujeitas à regra de crase, ou de simplificação. É interessante notar, porém, que esta propriedade não transpõe as fronteiras de palavras e é por esse motivo que não há crase em expressões como "irmã amiga" [irˈmããmiga] "lã azul" [lããzũ], etc.

Se as vogais nasais se encontram diante de fronteira de palavra, elas recebem a aplicação de uma regra de inserção de "glide" (R-7). Isto nos permite uma nova subdivisão no grupo II.

Regra de inserção do glide nasal (Mateus):



D-4	[beN+e]	forma subjacente
	ˈbeN+e	regra de acentuação
	ˈbēN+e	R-1
	ˈbē+e	R-4
	ˈbē	R-6
	ˈbēy	R-7
	[ˈbēy]	forma fonética

Uma outra interpretação possível, que estamos sugerindo agora, e que nos parece preferível por uma questão de simplicidade, seria juntar os grupos II-a e II-c, o que eliminaria a regra R-7 e deixaria que a regra R-5 atuasse nos dois casos de ditongação existentes: a alteração do traço silábico e a inserção do "glide". Se adotarmos essa alternativa, a derivação de bem e demais elementos do grupo II-c passaria a ser:

D-5	[beN+e]	forma subjacente
	ˈbeN+e	regra de acentuação
	ˈbēN+e	R-1
	ˈbēe	R-4
	ˈbēy	R-5
	[ˈbēy]	forma fonética

Para que isso acontecesse, precisaríamos apenas especificar que, num ambiente de segmento vocálico com o traço [-baixo], não ocorreria o fenômeno da crase, mas, sim, uma ditongação propiciada pelo abaixamento do véu palatino e conseqüente deslizamento da posição da língua. À medida que o véu palatino se abaixa para nasalizar o /e/ e o /o/, o ponto de articulação da segunda vogal será automaticamente modificado, passando de [-baixo] para [+alto].

Observemos, agora, o seguinte grupo (III) de palavras:

Rep. Subjacente Rep. Superficial Forma Fonética Derivados

#aranya#	"aranha"	arã ⁿ ã	aracnídeo
#sekonya#	"cegonha"	se ⁿ gõ ⁿ ã	
#linya#	"linha"	lĩ ⁿ ã	linear
#pinya#	"pinha"	pĩ ⁿ ã	pinácea
#vinya#	"vinha"	vi ⁿ ã	vinícola
#manyana#	"manhã"	mã ⁿ ã	
#senyor#	"senhor"	se ⁿ ñor	senil
#tenyo#	"tenho"	tẽ ⁿ ũ	tenente
#venyo#	"venho"	vẽ ⁿ ũ	ventura
#ponyo#	"ponho"	põ ⁿ ũ	ponência

Examinando esse grupo podemos notar que as formas nele incluídas têm uma consoante nasal na representação subjacente, mas que, na representação fonética, essas formas apresentam uma consoante diferente da que pode ser estabelecida a partir dos derivados. É um dos tipos mais comuns de mudança de traços distintivos dos segmentos, um processo de assimilação. Tal processo também ocorreu nas formas do grupo I-a, quando um segmento (uma consoante nasal) adquiriu os traços de um outro segmento de som, o segmento seguinte, quanto ao ponto de articulação.

Nas formas do grupo III, entretanto, os traços de uma vogal foram estendidos à consoante nasal precedente. Quando os traços distintivos de uma semivogal alta e anterior são assimilados por uma consoante nasal dental temos como resultado a palatização.

A palatização pode ser definida como "uma mudança fonológica que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, em virtude do desdobramento da parte média da língua no palato médio, isto é, a posição da língua na produção de uma vogal é sobreposta à consoante adjacente", como afirma Giles Istre em um trabalho ainda não publicado.

Temos, então, nesses exemplos apresentados, o fato de que a articulação alta da semivogal /y/ foi assimilada pelo segmento precedente, e, posteriormente, a nasal dental com o traço [+anterior] vai se mudar em [-anterior] e, conseqüentemente, [-coronal].

Em termos articulatórios, o fato de ser explicado como uma transformação do modo de articulação. Assim, a articulação do /n/ requer que a periferia da língua se adapte toda à região alveolar, para evitar que o ar saia pela boca antes do momento da explosão. A articulação do /y/, ao contrário, requer que o ápice da língua se apoie na face interna dos incisivos inferiores, de modo que fique, na linha central do canal da boca, uma estreita passagem entre o dorso e o palato, para permitir que o ar saia livremente pela boca, durante toda a produção dessa vogal (Cf. Nogueira, 1958).

Assim sendo, compreende-se que para se pronunciar rigidamente a sucessão [ny] mais vogal, com o /n/ e o /y/ articulados da maneira indicada, tornar-se-á necessário que a transição da posição do /n/ para o /y/ se faça com maior rapidez, de modo que o ápice da língua se desloque antecipadamente da região alveolar para a face interna dos incisivos inferiores. A conseqüência natural é que o /n/ perde parte de seu timbre próprio, mas o /y/, embora se conserve, é abreviado.

Constatados tais fatos, poderíamos estabelecer as seguintes regras fonológicas:

$$R-8 \quad \left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \longrightarrow [+alto] / \left[\begin{array}{l} -\text{consonantal} \\ -\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right]$$

$$R-9 \quad \left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{nasal} \\ +\text{alto} \end{array} \right] \longrightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{coronal} \\ -\text{anterior} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{l} -\text{consonantal} \\ -\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right]$$

Rep. Subjacente	Rep. Superficial	Forma Fonética
puyno	"punho"	ˈpũnu
loyno	"lenho"	ˈlẽnu
ayno	"anho"	ˈãnu
koynato	"cunhado"	kũˈnãdu
tamayno	"tamanho"	tãˈmãnu
desdeynar	"desdenhar"	desdẽˈnar
dezeynar	"desenhar"	dezẽˈnar
koyneser	"conhecer"	kõnẽˈser

podemos concluir, também, que a nasal dental se palatiza, não somente antes da articulação alta (palatal) do /y/, mas também depois desse segmento (Cf. Naro, 1973). Tal conclusão nos obriga a reformular as regras (8) e (9) do seguinte modo:

R-8a	$\left[\begin{array}{l} +\text{nasal} \\ +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \end{array} \right] \rightarrow \left[-\text{alto} \right]$	$\parallel \left[\begin{array}{l} -\text{consonantal} \\ -\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right]$
R-9a	$\left[\begin{array}{l} +\text{nasal} \\ +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{alto} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{coronal} \\ -\text{anterior} \end{array} \right]$	$\parallel \left[\begin{array}{l} -\text{consonantal} \\ -\text{silábico} \\ -\text{posterior} \end{array} \right]$

Para exemplificar a operação das regras dadas apresentaremos uma amostra de derivação:

D-6	araŋy+a	forma subjacente
	aˈraŋy+a	regra de acentuação
	ařãŋy+a	R-1
	ařãñy+a	R-8a
	ãrãŋ+a	R-9a
	ãrãŋa	R-2
	[ãrãŋa]	forma fonética

D-7	puyN+o	forma subjacente
	ˈpuyN+o	regra de acentuação
	ˈpũyN+o	R-1
	ˈpuːyN+o	R-8a
	ˈpũŋ+o	R-9a
	ˈpũŋu	R-2
	[ˈpũŋu]	forma fonética

Pela necessidade de explicarmos formas derivadas como "vini-cultura", "galináceo", etc., preferimos dar uma nova formulação à regra de Brasington (1971) sem supressão do segmento nasal e usando de traços distintivos:

Regras de Palatização

R-10	$\left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{nasal} \end{array} \right] \rightarrow \left[+\text{alto} \right]$	$/ \left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ +\text{alto} \\ +\text{anterior} \\ +\text{acentuado} \end{array} \right]$
R-11	$\left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{nasal} \\ +\text{alto} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{coronal} \\ -\text{anterior} \end{array} \right]$	$/ \left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ -\text{alto} \\ -\text{baixo} \\ +\text{posterior} \end{array} \right]$

Exemplificando, aqui está uma amostra de aplicação da regra:

D-8	viN+o	forma subjacente
	ˈviN+o	regra de acentuação
	ˈvĩN+o	R-1
	ˈvĩNː+o	R-10
	ˈvĩŋ+o	R-11
	ˈvĩŋu	R-2
	[ˈvĩŋu]	forma fonética

Passaremos, em seguida, ao exame da regra de desnasalização proposta por Brasington:

" $\bar{V} \rightarrow V / \text{---}a$. Condição: onde $\bar{V} \neq \bar{a}$; vogais nasalizadas serão desnasalizadas quando seguidas de /a/!"¹

¹ - Traduzido

As regras postuladas explicariam grande parte dos fenômenos de palatização em português. Juntamente com um outro grupo (V) de dados, resta-nos, entretanto, considerar a regra proposta por R. Brasington:

$$o \rightarrow \eta / i _ \left\{ \begin{array}{l} a \\ u \end{array} \right\}$$

isto é, uma consoante nasal palatal de transição é introduzida entre uma vogal nasalizada alta e anterior e vogal não homorgânica seguinte.

Grupo (V):

Rep. Subjacente	Rep. Superficial	Forma Fonética	Derivados
#vino#	"vinho"	˘vĩnu	vinicultura
#regina#	"rainha"	ra˘ĩña	reginal
#sardina#	"sardinha"	sar˘diña	
#kamino#	"caminho"	kamiñu	
#molino#	"moinho"	mo˘ĩnu	molinete
#visino#	"vizinho"	vi˘ziñu	vicinal
#galina#	"galinha"	ga˘liña	galináceo
#pino#	"pinho"	˘piñu	pinífero
#farina#	"farinha"	fa˘riña	farináceo

Já dissemos que um ponto bastante discutível na derivação da forma de superfície é o que diz respeito à supressão ou não do segmento nasal que está sempre presente nas formas subjacentes. Vários autores, entre eles o próprio Brasington (1971), postulam a supressão da nasal dental, com o conseqüente aparecimento de um som de transição entre a vogal nasalizada e a vogal seguinte. Porém, os fatos examinados nesse último grupo de dados são muito semelhantes aos do grupo (IV). No grupo (V), entretanto, temos não mais um "glide", mas uma vogal acentuada.

A partir da análise dos dados do grupo (VI),

Rep. Subjacente	Rep. Superficial	Forma Fonética	Derivados
#luna#	"lua"	˘lua	lunar
#arena#	"areia"	a˘reya	arenoso
#moneta#	"moeda"	mo˘eda	monetário
#korona#	"coroa"	ko˘roa	coronal
#leona#	"leoa"	le˘oa	leonina
#ponente#	"poente"	po˘enti	ponente
#patrona#	"patroa"	pa˘troa	patronal
#ponere#	"pôr"	˘por	V. por; rad. pON
#tenere#	"ter"	˘ter	V. ter; rad. tEN

concluimos que, na seqüência de duas vogais nasais atuam, disjuntivamente, três regras subsidiárias: a de alteração do traço silábico, a da crase e a da palatização. Essas três primeiras regras são mutuamente exclusivas. A duplicação de cada uma delas dependerá da descrição estrutural dos segmentos. Uma quarta regra, disjuntivamente ordenada em relação às outras três, aplicar-se-ia às seqüências em que não houvesse ambiente para as três primeiras.

Assim sendo, seria necessário reformularmos a regra proposta por Brasington (1971) de maneira a torná-la mais abrangente:

Regra de Desnasalização

$$R-12 \quad [+silábico] \rightarrow [-nasal] / \text{---} [+silábico]$$

Um exemplo da aplicação desta regra seria:

D-9	[lun+a]	forma subjacente
	˘lun+a	regra de acentuação
	˘lũn+a	R-1
	˘lũ+a	R-4
	˘lua	R-12
	˘lua	R-2
	[˘lua]	forma fonética

Examinando a aplicabilidade das regras propostas por Brasington (1971), dentro de um enfoque gerativo, chegamos às seguintes conclusões:

1) sua regra de nasalização é válida, uma vez que explica a nasalidade das vogais que antecedem uma consoante nasal;

2) quanto às regras de palatização e desnasalização, houve a necessidade de reformulação, conforme ficou demonstrado pelos dados apresentados.

Para as análises feitas, partimos de um nível fonológico, no qual foram estabelecidas as representações de base, sobre as quais atuaram as regras do componente fonológico, que derivam as formas de superfície. Foi justamente esse nível fonológico que nos permitiu colocar uma consoante nasal em formas que, na superfície, não a apresentavam (grupos IIIa e IIb). Entretanto, a análise dos grupos restantes (III, IV, V e VI) mostra que, embora todas as formas neles incluídas possuam uma consoante nasal na representação subjacente, as formas dos grupos III, IV e V apresentam uma consoante diversa da que pode ser estabelecida a partir dos derivados. As formas do grupo VI mostram a elisão da consoante nasal e a subsequente desnasalização da vogal.

Resumindo o que tentamos mostrar, podemos dizer que:

a) as vogais nasais do português, encontradas na representação fonética, foram gerados pela aplicação de regras sobre vogais não nasais seguidas de uma consoante nasal na representação subjacente;

b) o processo de nasalização das vogais em português é constituído da regra central de nasalização (R-1) e regras subsidiárias de alteração do traço silábico (R-5 e R-7), crase (R-6), palatização (R-8a, R-9a, R-10 e R-11) e desnasalização;

c) como as regras de alteração do traço silábico, crase e palatização agem apenas em condições contextuais pertinentes à sua aplicação e se excluem mutuamente, a regra de desnasalização incidirá na parte do contexto geral não propício à aplicação de nenhuma das regras anteriormente citadas.

1. BARBOSA, J. M. (1965). Études de phonologie portugaise. Lisboa, Juntas de Investigação do Ultramar.
2. BRASINGTON, R. W. P. (1971). Noun Pluralization in Brazilian Portuguese. Journal of Linguistics, v. 7, n. 2, p. 151-315.
3. CHOMSKY, N. & HALLE, M. (1968). The Sound Pattern of English. New York, Harper and Row.
4. ISTRE, Giles (1975). Um exame das oclusivas nasais portuguesas. Brasília, Universidade de Brasília, não-publicado.
5. MATEUS, M. H. M. (1975). Aspectos da fonologia portuguesa. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
6. NARO, J. A. (1973). Estudos diacrônicos. Petrópolis, Vozes.
7. NOGUEIRA, R. S. (1958). Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos do português. 2. ed. Lisboa, Clássica.